
Reflexões sobre o Espaço e o Tempo na Pós-Modernidade

Carolina Machado Rocha Busch Pereira ¹

RESUMO

O modo de acumulação flexível de capital promove um mundo que já não é o da “*Aldeia Global*” de MacLhuan (1979) mas o da “*Cidade Global*” de Ianni (1999).

À partir de contribuições teóricas, buscaremos, neste artigo, refletir sobre as influências das relações espaço-tempo que permeiam não só a reestruturação da cidade, mas também são condições para a reestruturação teórica, política e cultural em toda a sociedade, conforme será visto na análise das dimensões espaciais e temporais no interior da discussão sobre modernidade e pós-modernidade.

Faz-se necessário, ainda, salientar que este trabalho de modo algum esgota as reflexões propostas. Dada às limitações de um artigo, o objetivo central é levantar e buscar argumentos que possam, num momento posterior, ser mais aprofundadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, globalização, espaço, tempo, modernidade e pós-modernidade.

TEMPO E ESPAÇO: DA ALDEIA À CIDADE GLOBAL

A liberalização das telecomunicações e a convergência com os setores das tecnologias de informação e audiovisual promovem um mundo que já não é o da “*Aldeia Global*” de MacLhuan (1979) mas o da “*Cidade Global*” de Ianni (1999).

Tal teoria está fundamentada no avanço que ocorreu, nas décadas de 70 e 80 do século XX, quando a televisão se tornou global e com ela os acontecimentos mais distantes entravam em nossas casas, dando-nos a sensação de que todos viam o mesmo e sabiam o que se passava, tal como numa *aldeia*. A partir dos anos 90, Ianni afirma que passamos a habitar as *idades globais* (1999, p. 53). Isto porque, nos já referidos anos 90, a liberalização das telecomunicações e a convergência com as tecnologias de informação e audiovisual abriram portas a outras transformações, ao criar uma nova forma de economia baseada no capitalismo, já não industrial mas informacional, influenciando o surgimento de outros modelos de trabalho, de difusão cultural e de interdependência entre as diversas zonas do planeta.

Ianni (ibid., p. 54) constata que,

são muitos os que reconhecem que a cidade global característica do século XX, prenunciando o XXI, tem sido decisivamente influenciada pelos processos que acompanham o desenvolvimento do capitalismo, em escala mundial.

O processo de globalização da economia internacional colocou outros parâmetros para as grandes metrópoles mundiais. O aperfeiçoamento dos transportes e a rapidez das comunicações - possibilitada pela telefonia móvel, pelo fax e pela Internet - provocaram uma integração das cidades em níveis muito mais amplos. O espaço move-se de acordo com o tempo, assim o tempo é causa para o espaço, mas também condição, não há tempo real sem espaço geográfico.

Cidades, dotadas de melhor infra-estrutura de serviços, transportes e comunicações, tornaram-se centros geográficos privilegiados, de onde as empresas transnacionais comandam transações materiais e virtuais. Ou seja, formaram-se laços muito estreitos entre as empresas mais dinâmicas e esses espaços urbanizados, integrados às redes mundiais.

Mas, afinal, qual é a configuração histórica e geográfica em que emerge a cidade global? Ianni (ibid., p. 57) nos esclarece a questão com a seguinte argumentação.

A cidade global que se torna realidade em fins do século XX é a que se produz como condição e resultado da globalização do capitalismo. Torna-se uma realidade propriamente global na época em que o capitalismo, visto como processo civilizatório, invade, conquista, assimila, desafia, recobre, convive, acomoda-se ou mesmo recria as mais diversas formas de vida e trabalho, em todos os cantos do mundo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente/SP. E-mail : cmrbp@uol.com.br

Entendemos a globalização do capitalismo como o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em “sistema mundo” de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus de acesso bastante diversos.

Trata-se, portanto, de uma nova fase da história humana, onde cada época é caracterizada pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor suas leis. Como qualquer totalidade, a globalização só se exprime por meio de suas funcionalizações e uma delas é o espaço geográfico.

Desta forma, estaremos, na sequência deste artigo, refletindo sobre o tempo e o espaço, entendendo que estas são dimensões inseparáveis da existência humana e que se constroem sucessivamente. Porém, em algum momento da história, estas dimensões se separaram e hoje buscam, mais do que nunca, uma reaproximação porque apesar das contradições que estas dimensões carregam em si, há também uma complementaridade.

TEMPO E ESPAÇO: REFLEXÕES SOBRE A PÓS-MODERNIDADE

A reestruturação pós-fordista, envolvendo novas tecnologias, novos métodos de gestão da produção, novas formas de utilização da força de trabalho e novos modos de regulação estatal, baseia-se em elementos que definem o chamado *modo de acumulação flexível de capitais* (KUMAR, 1997, p. 48), e estão intrinsecamente relacionados à condição histórica pós-moderna, que está, por sua vez, diretamente vinculada à discussão do tempo e do espaço.

Soja, em sua obra intitulada *Geografias pós-modernas* (1997) faz várias menções relevantes à discussão da relação entre o tempo e o espaço e nos alerta que refletir sobre a relação destas dimensões no atual momento, que o autor denomina de “quarta modernização induzida pela crise” é, também, para o mesmo, discutir a reestruturação da sociedade que acontece no pós-modernismo. Sendo assim, entendemos que anteriormente à reflexão sobre o espaço e o tempo, ou melhor, no mesmo momento em que discutimos tempo e espaço, discutimos também pós-modernidade e modernidade, uma vez que estes dois paradigmas são e estão relacionados com as dimensões de tempo e espaço e a apropriação que a sociedade fez e faz destas duas categorias (SANTOS, 1989, p. 11).

Refletir sobre tempo e espaço, além de ser uma discussão sobre pós-moderno e moderno, conforme já ressaltamos,

também é, para Foucault, uma discussão sobre História e Geografia, ou ainda sobre a “primazia teórica da história em relação a Geografia”, uma vez que segundo Foucault no século XIX a obsessão era com o tempo e a história e “o espaço foi tratado como morto, o fixo, o não dialético, o imóvel. O tempo, ao contrário, era a riqueza, a fecundidade, a vida e a dialética”. (apud SOJA, 1997, p. 17).

Soja inicia seu ensaio *Geografias pós-modernas* com estas observações de Foucault e, sobre elas, traz as seguintes considerações,

Pelo menos durante o século passado, o tempo e a história ocuparam uma posição privilegiada na consciência prática e teórica do marxismo ocidental e da ciência social crítica. [...] Hoje, porém, talvez seja mais o espaço do que o tempo que oculta de nós as consequências, mais a “construção da geografia” do que a “construção da história” que proporciona o mundo tácito e teórico mais revelador. São essas a premissa e a promessa insistentes das geografias pós-modernas. (SOJA, 1997, p. 7)

Harvey (1993) em *Condição pós-moderna* faz o alerta à dificuldade que temos de discutir a relação do espaço com o tempo. O tempo isoladamente pode ser registrado “[...] em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, décadas, séculos e eras, como se tudo tivesse o seu lugar numa única escala temporal objetiva.” (ibid., p. 187). Assim, como o tempo, o espaço isoladamente também pode ser visto como um atributo objetivo das coisas “[...] tem direção, área, forma, padrão e volume como principais atributos, bem como distância.” (ibid., p. 188) Mas, então, se podemos apreender o tempo e o espaço isoladamente, qual a dificuldade de relacionarmos estas duas dimensões? A pergunta, que parece simples, não tem uma resposta tão simples assim. Conforme Foucault ressaltou, a discussão vai encontrar a melhor explicação na primazia do tempo em função do espaço. E esta discussão, por sua vez, vai levantar um debate ainda mais complexo, quando alguns teóricos, como é o caso de Giddens (1991), entendem a discussão do pós-modernismo como sendo a discussão do fim do referencial marxista e não como sendo o fim de um paradigma científico.

O próprio Giddens evidencia esta associação do pós-modernismo com o pós-marxismo, com sua reflexão, “o pós-modernismo tem sido associado não apenas com o fim da aceitação de fundamentos, mas com o fim da história.” (1991, p. 140).

Se faz necessário, inicialmente, buscar a clarificação para a definição sobre o pós-modernismo, em razão da

complexidade que a questão sobre a relação do espaço com o tempo gerou.

Precisamos adotar um referencial teórico que, em primeiro lugar, contemple a discussão da pós-modernidade e, em segundo lugar, a reconheça como legítima. Assim trabalharemos com o pós-modernismo de Soja, Harvey e Santos e com a modernidade de Giddens.

A justificativa para Soja (1997, p. 11), de adotarmos o pós-modernismo é em razão,

[...] a pós-modernidade, a pós-modernização e o pós-modernismo parecem, agora, ser meios apropriados de descrever essa reestruturação cultural, política e teórica contemporânea, bem como de destacar a reafirmação do espaço que está complexamente entremeado com ela. (1997, p. 11)

Já para Santos (1989, p. 11), a discussão está relacionada ao fim de um paradigma da ciência,

A época em que vivemos deve ser considerada uma época de transição entre o paradigma da ciência moderna e um novo paradigma, de cuja emergência se vão acumulando os sinais, e a que, à falta de melhor designação, chamo ciência pós-moderna.

E, finalmente, para Harvey (1993, p. 325),

[...] podemos começar a compreender a pós-modernidade como condição histórico-geográfica. Com essa base crítica, torna-se possível lançar um contra-ataque da narrativa contra a imagem, da ética contra a estética e de um projeto de Vir-a-Ser em vez de Ser, buscando a unidade no interior da diferença, embora um contexto em que o poder da imagem e da estética, os problemas da compreensão do tempo-espaço e a importância da geopolítica e da alteridade sejam claramente entendidos.

Assim, notamos o retorno à discussão do referencial teórico marxista. Diferentemente de Soja, Harvey expõe, ao longo de sua obra, o questionamento ao projeto iluminista, que fundamentou a teoria de Marx, podendo, inclusive afirmar, que *Marx é filho do iluminismo*, e muito provavelmente seja esse o cerne da discussão. Harvey (id. *ibid.*, p. 326) afirma que, para muitos, criticar o iluminismo ou buscar “uma renovação do materialismo histórico-geográfico pode na verdade promover a adesão a uma nova versão do projeto do Iluminismo”, o que, para ele, é um aspecto bastante positivo.

Mas nem todos compartilham destas mesmas idéias. Giddens, por exemplo, em *As consequências da modernidade* (1991) ressalta, quando analisa a pós-modernidade, que os princípios de sua abordagem devem acontecer de maneira diferente, uma vez que ele se incomoda com a sensação causada pela definição da *pós*, onde ele entende o fim de algo, e assim, portanto, se estamos afirmando um pós-marxismo, é sinal de que este terminou assim como a modernidade. Mas esta sensação que Giddens acusa sentir, deve, em nosso entendimento, ser revista a partir de referenciais como o do próprio Harvey, pós-moderno e marxista e também o de Soja que busca demonstrar que a construção da Geografia, da nova Geografia, só poderá acontecer quando nos apropriarmos da pós-modernidade para entender a reestruturação da sociedade contemporânea e não renegar a importância do referencial dialético.

Mas, apesar de Giddens afirmar que vivemos as *consequências da modernidade*, que ainda está em expansão, o mesmo faz reflexões bastante relevantes acerca da separação do espaço e tempo. Segundo ele, podemos começar a entender esta separação da seguinte maneira,

A invenção do relógio mecânico e sua difusão entre virtualmente todos os membros da população foram de significação chave na separação entre o tempo e o espaço. [...] O tempo ainda estava conectado com o espaço até que a uniformidade de mensuração do tempo pelo relógio mecânico correspondeu a uniformidade na organização social do tempo. [...] O ‘esvaziamento do tempo’ é em grande parte a pré-condição para o ‘esvaziamento do espaço’ e tem assim prioridade causal sobre ele. Pois, [...] a coordenação através do tempo é a base do controle do espaço. (*ibid.*, p. 26)

A discussão da separação do tempo e do espaço é para Giddens condição principal do processo de desencaixe.

A separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, ‘vazias’, penetram as conexões entre a atividade social e seus ‘encaixes’ nas particularidades dos contextos de presença. As instituições desencaixadas dilatam amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço e, para ter este efeito, dependem da coordenação através do tempo e do espaço. Este fenômeno serve para abrir múltiplas possibilidades de mudança liberando das restrições dos hábitos e das práticas locais. (*ibid.*, 28)

Por entendermos a relevância desta discussão sobre desencaixe, feita por Giddens, é que estaremos, na

seqüência, fazendo algumas considerações sobre o desencaixe dos sistemas sociais.

TEMPO E ESPAÇO: SEPARAÇÃO NECESSÁRIA PARA O *DESENCAIXE*

Giddens, na introdução de seu trabalho *As conseqüências da modernidade* (1991), propõe uma análise sobre as várias conseqüências da modernidade, que segundo ele “[...]estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes.” (ibid., p. 13) e, portanto, devem ser discutidas para apreendermos “os contornos de uma ordem nova e diferente, que é pós-moderna; mais isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de ‘pós-modernidade’ ”. (ibid., p.13)

Daremos ênfase, apenas, à uma dessas conseqüências – *Desencaixe* –, por ser este texto primoroso e, também, por contemplar a discussão sobre espaço-tempo, objeto deste artigo.

Giddens (ibid., p. 29) inicia *Desencaixe*, conceituando o termo que para ele é “[...]o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço.” E, para nós, é mais uma busca de Giddens para entender e explicar a mudança de sistema (do mundo tradicional ao mundo moderno) e sua relação de distanciamento com o tempo-espaço. Mas, para tanto, é necessário rever o desenvolvimento das instituições sociais modernas e os mecanismos intrinsecamente relacionados às estas instituições.

Giddens desenvolve, ao longo deste texto, a distinção de dois dos principais mecanismos de desencaixe do desenvolvimento das instituições sociais modernas. São eles: as fichas simbólicas e os sistemas peritos.

Por fichas simbólicas, entende-se os meios de intercâmbio que podem ser circulados, o exemplo usado é o dinheiro, e a fundamentação teórica é a teoria de Keynes, onde o mesmo divide o dinheiro em dois tipos: o dinheiro propriamente dito e o dinheiro de crédito. O principal é que Giddens entende que o dinheiro é fundamental para o mecanismo de desencaixe da modernidade.

Com relação aos sistemas peritos, Giddens assegura que são “[...]sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje.” Em suma, são sistemas que fornecem “garantias” aos indivíduos a partir da confiança que se deposita nele, e por tanto desencaixam os mecanismos da sociedade moderna.

Mas ambos os mecanismos de desencaixe, as fichas simbólicas e os sistemas peritos, dependem da confiança para de fato existir. Assim, a confiança, capacidade

abstrata, “[...]é uma forma de ‘fé’ na qual a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva.” (ibid., p. 34)

Todos os mecanismos de desencaixe implicam confiança e distanciamento do espaço-tempo.

O dinheiro, por exemplo, é um modo de adiantamento [...] é um meio de retardar o tempo e assim separar as transações de um local particular de troca. [...] o dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço” (ibid., p. 32)

A idéia de incluir reflexões sobre o texto do Giddens neste artigo, é não só pelo seu primor, mas também pela clareza que o mesmo expõe sua interpretação das transformações sociais que vivemos atualmente e que estão diretamente relacionadas com as dimensões espaço e tempo, ou com a nova “construção da Geografia”, como afirmou Soja (1997).

A proposta do presente artigo foi de salientar a reflexão sobre a construção permanente da Geografia e a relação espaço-tempo. Certamente esta discussão não se esgota aqui, pela amplitude do tema, mas em concordância com o objetivo deste artigo acreditamos que a continuidade desta reflexão poderá acontecer num momento posterior a este e com um aprofundamento maior.

REFERÊNCIAS

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

IANNI, O. *A era do globalismo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1979.

SANTOS, B. de S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SOJA, E. W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. (reimpressão)

Reflections on the Space and the Time in Postmodernity

ABSTRACT

The way of flexible accumulation of capital promotes a world that is not already of the Maclhuan's "Global Village" (1979) but of the Ianni's "Global City" (1999).

From theoretical contributions, we will search, in this article, to consider the influences of the relations space-time, that permeates, not only the reorganization of the city, but also they are, conditions for the theoretical political and, cultural reorganization in all the society, as it will be seen in the analysis of the spacial and temporal dimensions in the debate on modernity and postmodernity.

It is also necessary, to point out that this work does not finish the proposed. On account of the limitations of an article, the main objective of this article is to raise and to search arguments that can, in better later on be examined more carefully.

KEY-WORDS: City, globalization, space, time, modernity and postmodernity.